

ASSINE ▶



Naiane, de 11 anos, tenta ensinar as letras para os pais analfabetos e estuda em um sofá na frente da televisão

Maria Gabriela, de 11 anos, emocionou a mãe aos 7 porque já conseguia ler a 'Bíblia'. A mãe morreu no ano seguinte, vítima de câncer

Erika, de 11 anos, foi adotada assim que nasceu, nunca foi nem até a cidade vizinha e sonha em ser advogada

As três meninas fazem parte da turma que teve **a melhor nota do País** na prova de leitura e escrita do MIEC. A sala tem 12 crianças. Com exceção de uma que mudou de cidade, todas ainda estudam juntas **na mesma escola rural de Granja**, no Ceará. Da ampla janela da sala, veem o céu quase sempre azul e um imenso cajueiro.

Elas são

ASSINE ▶



QUE LEEM



Renata Cafardo

23 de outubro de 2019 | 11h00



As crianças que melhor aprenderam a ler e escrever no Brasil vivem no sertão do sertão do Nordeste. Seus pais são analfabetos e plantam o que a família come. A área é um bairro na zona rural de Granja, no Ceará, e fica a 1h30 de carro do centro da cidade. As poucas ruas, de terra, têm porcos, cabras e vacas perambulando soltas. Os móveis das casas se resumem a uma TV de tubo, um sofá e uma rede; não há livros.

Na última edição da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), os alunos de 8 anos da Escola Nossa Senhora Aparecida, na zona rural de Granja, tiraram a melhor nota do Brasil em leitura e em escrita. Granja tem ainda nove escolas entre as dez melhores no ranking nacional de leitura, segundo tabulação feita pelo **Estado**.

No sertão cearense ou no interior de São Paulo, onde estão algumas das escolas públicas com melhores resultados na avaliação federal, ninguém está preocupado com polêmicas em torno dos métodos de alfabetização.

Professores ensinam os sons das letras – prática típica do chamado método fônico – e alfabetizam por meio de jogos, reflexões e textos do cotidiano – algo presente no construtivismo. Misturam, experimentam, tentam de todas as formas atingir uma meta clara: não deixar nenhuma criança para trás.

O debate sobre como alfabetizar se tornou recentemente mais uma disputa ideológica na educação. O cenário é gravíssimo. Atualmente, mais de 50% dos estudantes de 8 anos no País não sabem ler adequadamente. E cerca de 35% não conseguem escrever.

PUBLICIDADE



A deficiência nessa etapa crucial funciona como uma bola de neve. Muitos dos que não se alfabetizam na idade certa passam a vida sem aprender quase nada, mesmo que dentro da escola. Ou então reprovam, abandonam os estudos.

Esse material especial do **Estado** – batizado de Crianças que Leem – vai mostrar por meio de uma série de quatro podcasts como se aprende a ler e a escrever nos melhores exemplos de escolas públicas e particulares. Durante três meses, a reportagem foi a quatro cidades, assistiu aulas, conversou com professores, pais, crianças e especialistas.

As melhores experiências foram identificadas a partir da tabulação criteriosa feita por

ASSINE ▶



trabalho dos fotógrafos Tiago Queiroz e Leo Souza (que filmou e editou os vídeos).

Por meio dos podcasts, a ideia é que o ouvinte se sinta parte da história e que consiga compreender como o País pode, de fato, alfabetizar suas crianças deixando de lado disputas teóricas e ideológicas.

OUÇA A SÉRIE EM PODCASTS 'CRIANÇAS QUE LEEM'



de Granja: no sertão nordestino, a melhor escola do Brasil

Crianças que Leem

18:29



#2: Sobral, a estrela da educação do Ceará

Crianças que Leem

Seguir

18:36

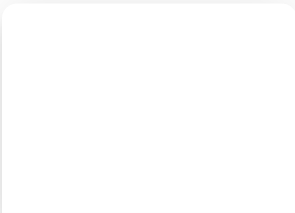


#3: O que é esse tal construtivismo?

Crianças que Leem

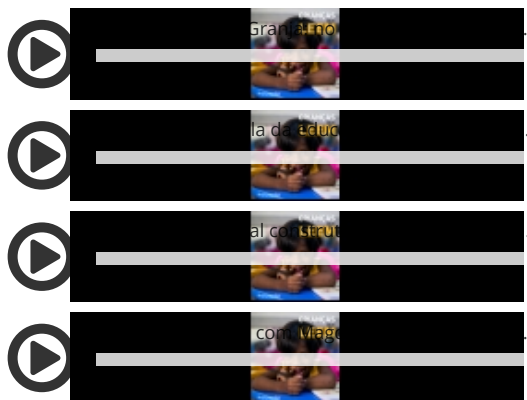
Seguir

22:04



conversa com Magda Soares, a maior especialista em alfabetização

SE VOCÊ NÃO FOR ASSINANTE DO SPOTIFY, OUÇA NOS PLAYERS ABAIXO:



DISPUTA

De um lado, está o Ministério da Educação do governo de Jair Bolsonaro, que sustenta que apenas o método fônico tem evidências científicas e que o construtivismo teria sido responsável pela grande quantidade de crianças que não aprenderam no Brasil. Municípios que não adotarem os mesmos preceitos podem deixar de receber verbas do MEC para programas de alfabetização. Um plano nacional para a área foi lançado em agosto com texto em tom nada conciliador: a “ciência cognitiva da leitura afirma que, ao contrário do que supõem certas teorias” (...), “a leitura e a escrita precisam ser ensinadas de modo explícito e sistemático”.

De outro lado, defensores da teoria do construtivismo dizem que o fônico apenas treina as crianças para uma decodificação mecânica e que é preciso mais para, de fato, alfabetizar alguém. Defendem que as crianças devem, desde pequenas, ser inseridas no mundo da leitura e escrita para que isso tenha significado, antes mesmo de saber as letras. No entanto, essa polarização, presente no mundo acadêmico e político, está distante da sala de aula.

Os professores em Granja sequer sabem nomear os métodos que usam. Não que o trabalho não seja extremamente estruturado e acompanhado. Eles passam por formações todo mês, organizadas pela cidade e com apoio de todo tipo de material didático. Por sua vez, quem dá essas aulas aos professores recebe formação do Estado do Ceará, que desde 2007 tem uma política de alfabetização na idade certa, o que significa ensinar as crianças a ler e escrever até os 7 anos.

Das cem escolas com melhores resultados em alfabetização, 38 estão em cidades cearenses, entre elas a já conhecida Sobral, que fica a cerca de 100 quilômetros de Granja. Nesse

Os melhores municípios em alfabetização

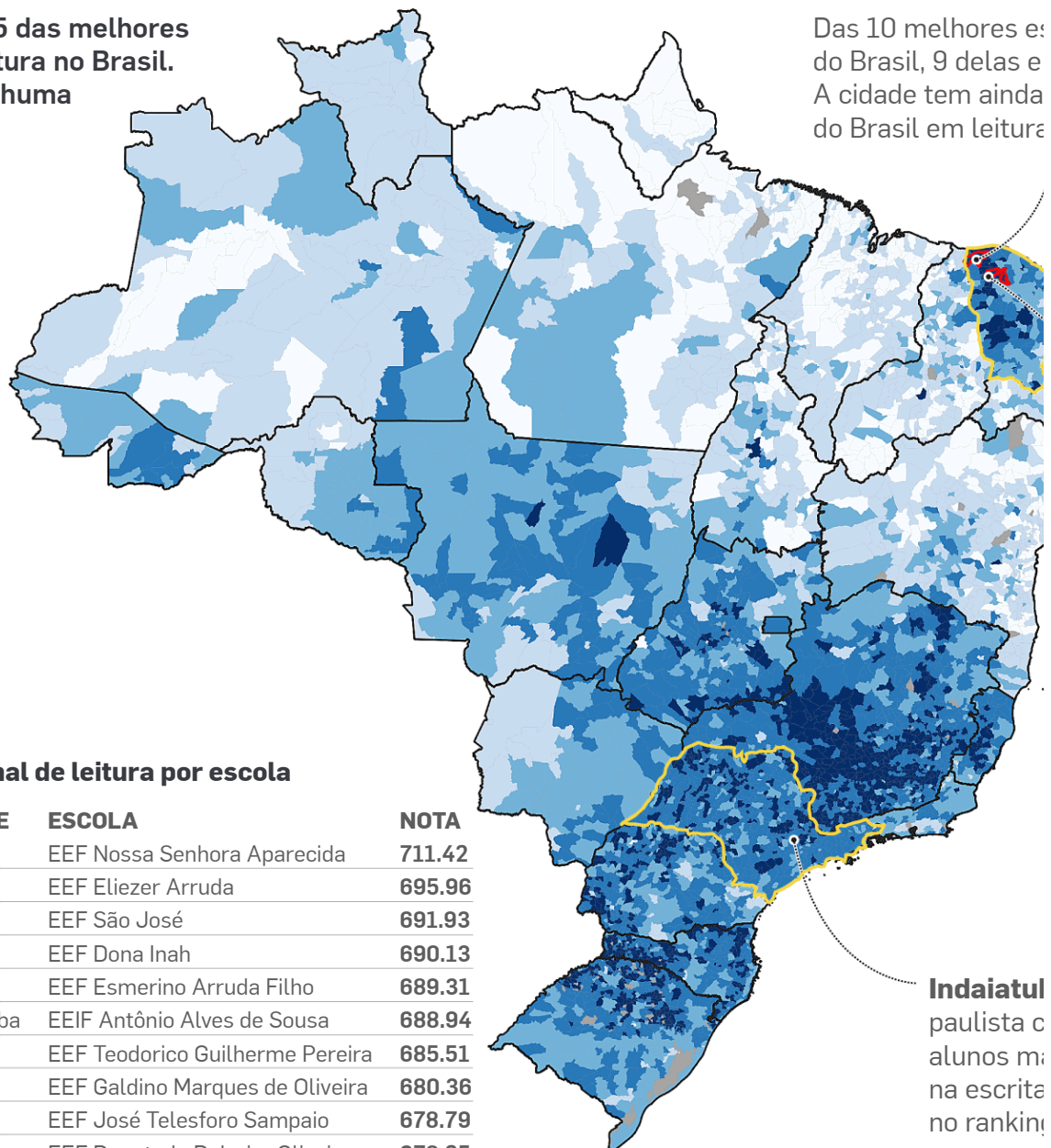
A prova do MEC avaliou crianças de 8 anos em leitura, escrita e matemática

Nota média em leitura

DE 0 A 462 DE 462 A 506 DE 506 A 533 DE 533 A 556 DE 556 A 653

O Ceará tem 65 das melhores escolas em leitura no Brasil. São Paulo, nenhuma

Das 10 melhores escolas do Brasil, 9 delas estão em São Paulo. A cidade tem ainda a pior escola do Brasil em leitura



Ranking nacional de leitura por escola

	UF	CIDADE	ESCOLA	NOTA
1º	CE	Granja	EEF Nossa Senhora Aparecida	711.42
2º	CE	Granja	EEF Eliezer Arruda	695.96
3º	CE	Granja	EEF São José	691.93
4º	CE	Granja	EEF Dona Inah	690.13
5º	CE	Granja	EEF Esmerino Arruda Filho	689.31
6º	CE	Reriutaba	EEIF Antônio Alves de Sousa	688.94
7º	CE	Granja	EEF Teodorico Guilherme Pereira	685.51
8º	CE	Granja	EEF Galdino Marques de Oliveira	680.36
9º	CE	Granja	EEF José Telesforo Sampaio	678.79
10º	CE	Granja	EEF Deputado Delmiro Oliveira	678.25

Indaiatuba paulista com alunos com a pior nota na escrita no ranking

*Uma das escolas do ranking não pode ser identificada a partir dos dados do Inep, por isso foi desconsiderada

Fonte: INEP/MEC



Crianças de Granja, no sertão cearense, têm aulas sobre “como gostar de ler” e professores recebem formação mensal

“Eu acho que o que é bom a gente tem de copiar. A gente vai lá para internet, vê o que está dando certo na cidade vizinha ou no outro Estado, a gente pode tirar um pouquinho daquilo para poder aperfeiçoar o nosso trabalho. E vamos misturando tudo”, diz a secretária municipal de Educação de Granja, Tatiana Saldanha, ex-professora da rede.

Os professores, conta, recebem da prefeitura uma estratégia de aula “mastigadinha”, que pode ser rígida na execução, mas encantadora para as crianças. As aulas começam todo dia com inegociáveis 15 minutos de “tempo para gostar de ler”.

“É um tremendo segredo, nem pense em espalhar, foi o Saci que me contou, ele me cochichou e não quero bafafá”, lê a professora do 1º ano Jaqueline Rocha Aragão, sentada com as crianças no chão, vestida de Saci. Fantasias confeccionadas pelos próprios professores são comuns na hora da história em Granja. Jaqueline não questiona os alunos sobre o que entenderam do texto, mas sim, sobre suas experiências e reflexões a partir da história.

Sofia, de 6 anos, diz que não tem medo do Saci Pererê, mas sim do Lobisomem. O colega ao lado conta que o Saci aparece sempre fazendo um redemoinho. Em seguida, cada um escolhe um novo livro da coleção que fica na sala, para ler. “Essa fase do ba, be, bi, bo, bu, de decorar, hoje em dia não existe mais. A gente precisa primeiro gostar, despertar nele (aluno) esse amor pela leitura e pra depois desenvolver o processo”, diz Jaqueline.

PUBLICIDADE

Ad was
inappropriateNot interested
in this adSeen this ad
multiple timesAd covered
content

REFLEXÃO

Essa forma de ensinar está próxima do que diz a teoria construtivista, cujo marco foi uma obra da educadora argentina Emília Ferreiro no começo dos anos 80. “O mérito do construtivismo é desde muito cedo captar a criança pela magia da leitura, dos contos, dos jogos, antes mesmo de um ensino sistemático”, diz a professora aposentada da Universidade de São Paulo e especialista em alfabetização Silvia Colello.

Grande parte das escolas de elite particulares em São Paulo seguem o construtivismo e, por isso, alfabetizam com foco nas hipóteses e as reflexões das crianças. Isso quer dizer que não começam a alfabetização pelas letras isoladas. Usam os nomes dos alunos como ponto de partida. Pelas sílabas ou letras dos nomes dos colegas, as crianças vão “montando” outras palavras. Também elaboram listas de tarefas do dia e receitas de bolo, mesmo sem ainda saber escrever, para compreenderem para que serve a escrita.

Uma das referências desse grupo é a Escola Vera Cruz, em Pinheiros, zona oeste da capital. A professora Luiza Gaia, de 34 anos, do 1º ano, não se importa se o aluno escreve “casa” colocando apenas dois “a”, sem as consoantes. “Que nome tem aqui na nossa sala que começa igual à casa? Ah, o da Catarina, vamos ver como se escreve o ‘Ca’ da Catarina?”, diz. Luiza acha que é preciso ensinar mostrando às crianças o encanto e o papel da leitura da vida delas. “Eu não sou uma máquina que está aqui decodificando, que tô sabendo fonema, não é isso. Eu estou me expressando”, diz ela, sobre o que gostaria que o aluno sentisse em relação ao aprendizado.

Um decreto editado pelo governo Bolsonaro no início do ano, com referências ao método fônico, caiu como uma bomba nas escolas construtivistas. Em meio à crise do Ministério da Educação (MEC), o texto foi mudado várias vezes ainda na gestão de Ricardo Vélez e deu origem à Política Nacional de Alfabetização e à Comissão Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (Conabe), que reúne esta semana especialistas ligados à mesma linha defendida pelo governo.

com a realidade dos alunos das escolas de apoio que o Estadão oferece a municípios. Mas era de que a prova fosse mudada para se adaptar ao que o MEC agora entende ser importante para alfabetizar.

“Para mim não faz sentido a ideia de que ler e escrever é juntar letras, nós acreditamos que a reflexão da criança é que o permite a ela ir aprendendo. Elas não são uma tábula rasa sem nada na cabeça, elas trazem ideias do que vem a ser o mundo da escrita”, diz a educadora Telma Weiss, uma das autoras dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, que norteiam o ensino no País há anos, e coordenadora da pós-graduação em alfabetização do Instituto Vera Cruz.



Os nomes dos alunos na Escola Vera Cruz são o ponto de partida para a alfabetização





Trabalho em equipe é comum

Os PCNs foram lançados em 1997 durante a gestão de Paulo Renato Souza no MEC. O texto fala de uma revisão no processo de alfabetização, deixando de lado métodos tradicionais, como o que usava cartilha. A ideia principal é que o aluno compreenda o significado da escrita, seja um sujeito criativo, que compara, estabelece hipóteses e cria durante a alfabetização. E não apenas decodifique as letras de modo descontextualizado. Por isso, indica aos professores o uso de textos verdadeiros, como jornais e contos, e não “simples agregados de frases”, como “vovô viu a uva”. “A compreensão atual da relação entre a aquisição das capacidades de redigir e grafar rompe com a crença arraigada de que o domínio do bê-á-bá seja pré-requisito para o início do ensino de língua”, diz o documento.

As ideias remetiam ao chamado construtivismo, termo usado na obra do biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget, que estudou como as pessoas aprendem e jogou luz na importância do sujeito ao construir o seu conhecimento. Emilia Ferreiro estudou e trabalhou com Piaget.

A nova forma de ver a educação de Emilia e Piaget ganharam força entre educadores do País, mas nem sempre foram transformadas em práticas de ensino nas universidades que formam os professores. Pesquisas têm mostrando que os cursos para docentes são basicamente teóricos e, ao se formarem, os profissionais – principalmente que vão para a escola pública – não sabem o que fazer em sala de aula. “Quando você tem um método é muito cômodo para o professor, ele sabe que hoje viu a página 4 da cartilha, amanhã é a página 5. Mas com o construtivismo não tem isso, ele tem de estar atento ao sujeito que aprende, e isso é muito difícil”, diz Silvia.

“A gente ensinava pela cartilha, depois quando entrou o construtivismo, foi um problema, ninguém entendia nada. Se dizia que tudo a criança conseguia, aprendia, ela ia em busca, por meio de textos”, conta a hoje coordenadora pedagógica em uma escola municipal de Indaiatuba, no interior de São Paulo, Roberta Bannwart, há 30 anos na rede. Essa visão errônea, de que a intervenção do professor não era mais necessária, fez com que muitas crianças não aprendessem.





Com metas e avaliação, Indaiatuba tem sucesso considerando método fônico e construtivismo

As crianças de Indaiatuba têm hoje o melhor desempenho em escrita no Estado de São Paulo em municípios com mais de mil alunos na prova do MEC, segundo tabulação do **Estado**. A cidade é também a quarta colocada no Brasil nesse mesmo ranking. Ao longo dos últimos anos, a cidade implementou aos poucos um sistema com avaliações, metas, formação de professores. A alfabetização passou a considerar tanto o construtivismo quanto o fônico. “Usamos o que tem de melhor em cada um”, diz a secretária de Educação da cidade, Rita de Cássia Trasferetti, que está há dez anos no cargo.

Algumas aulas têm até o uso do antigo silabário, uma cartela com as sílabas, algo bem tradicional, mas também muitos jogos e brincadeiras que favorecem a reflexão. “A palavra que eu adoro escrever é tomate porque eu adoro tomate”, conta Daniel Silva do Nascimento, de 7 anos. A professora Talita Ugoline, de 32 anos, diz que se preocupa em mostrar o porquê da alfabetização para as crianças. “Não vamos escrever um bilhete por escrever um bilhete. Para onde vamos mandar? Quem vai receber?”

Crianças que leem



SONS

A mesma professora Jaqueline, de Granja, ajuda um aluno a escrever a palavra “gorro” falando dos sons das letras. “Será que é só um ‘R’ que a gente faz ‘go rrrrrro?’”, pergunta, forçando o som na garanta. Em outra escola também de Granja, outra professora ajudava Sofia, de 6 anos, a ler a palavra “versão”. “O ‘S’ com ‘Ã’ forma que sonzinho?”

As duas claramente estão preocupadas que seus alunos entendam que cada letra corresponde a um som, assim como defende o MEC hoje. O documento sobre alfabetização do governo federal diz que a “correspondência grafema-fonema” precisa ser ensinada “de forma explícita e sistemática, numa ordem que deriva do mais simples para o mais complexo”, ou seja, primeiro as letras, depois as palavras, depois textos.

“Alfabetização é algo completo e definido. É você dominar o código alfabético, ensinar a identificar uma palavra escrita ou reproduzir por escrito uma palavra”, afirma o presidente do Instituto Alfa e Beto, João Batista Oliveira, que defende que o método fônico é a melhor solução para a maioria das crianças, principalmente para as mais pobres cujos pais não estimulam a curiosidade dos filhos com leitura de livros, brincadeiras com letras. “Compreensão de leitura, texto, fala são coisas totalmente independentes.”

Muitos desses argumentos do grupo que defende o método fônico vieram de um documento feito a pedido do Congresso dos Estados Unidos e divulgado no ano 2000, depois de dois anos de pesquisas, o National Reading Panel. O grupo de especialistas do país analisou estudos sobre alfabetização. O documento surgiu para tentar acalmar os ânimos no que se chamava nos anos 90 nos EUA de “reading wars”, ou guerra da leitura, algo semelhante ao que vemos hoje no Brasil.

escolas públicas americanas passaram a seguir os resultados do documento e começaram alfabetizar cada vez mais cedo e com foco nessa decodificação das letras e sons, já aos 4 anos.

“A ciência já mostrou que o aprendizado da leitura modifica a estrutura cerebral, então você precisa aprender a ler direito”, diz a especialista Ilona Becskehasy, que estuda o assunto, defende o método fônico e agora faz parte da comissão de alfabetização do MEC. Para ela e outros pesquisadores, o construtivismo é algo menos estruturado e menos sistematizado – algo que o outro lado discorda. “Então essa parte toda formal, de um ensino estruturado, é que causa desconforto nos professores brasileiros, que não estão acostumados com a bibliografia, mas quando a gente vê os estudos, todos os países com bom desempenho estão indo nessa direção”, completa. Ilona cita Hong Kong, Cingapura e Canadá como nações que dão importância para o som das letras.

Mesmo depois do documento americano, hoje há debates nos Estados Unidos sobre eventuais prejuízos para crianças do ensino infantil que deixaram de brincar na escola porque tiveram que se dedicar ao treino das letras. Na Finlândia, por exemplo, um dos maiores exemplos de educação de qualidade, não se ensina crianças pequenas a ler e a escrever. Por aqui, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina que os alunos devem estar alfabetizados até o fim do 2º ano do ensino fundamental.

EVIDÊNCIAS

Para a professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Magda Soares, não há dúvidas de que é importante saber as relações das letras com os fonemas. Mas a educadora discorda da forma como isso é feito no método fônico. Ela diz que é “um erro linguístico grave” pedir que as crianças falem os sons das letras. “As letras representam fonemas e fonema não é pronunciável. Eles querem que a criança pronuncie o fonema correspondente à, por exemplo, letra ‘p’. Ninguém consegue, a não ser que se apoie numa vogal.” Para ela, o ideal é começar com crianças pequenas a trabalhar com parlendas e rimas, para que, assim, elas notem os sons das palavras.

Magda ganhou o Prêmio Jabuti em 2016 com o livro *Alfabetização, a questão dos métodos*, em que ela conclui que o importante não são os métodos de alfabetização e, sim, alfabetizar com método. Para ela, que considera absurda a ideia do MEC incentivar apenas uma maneira de alfabetizar, os professores “tiram um pouco de cada método e com muita sabedoria”. “Estão confundindo ideologia com ciência e dizendo que os petistas são construtivistas e os à direita são do método fônico. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.”

A educadora tem 87 anos e trabalha com alfabetização desde os anos 50. “Falar que a única evidência científica é que o método fônico é o melhor não tem consistência. O processo de alfabetização é tão complexo que você tem que levar em conta as evidências científicas da psicologia do desenvolvimento, da psicologia cognitiva, da psicolinguística, da linguística.”

ensinar. “As crianças não são tão bobas assim, são inteligentes, você ensina e elas aprendem”, diz Magda. “O problema é que ninguém está ensinando as professoras a alfabetizar. Os cursos de Pedagogia têm história da educação, filosofia da educação, sociologia da educação e nada do que elas precisam saber para atuar na sala de aula.”



Renata Storch mudou este ano com o filho Davi, de 6 anos, para Sobral em busca de uma escola pública de qualidade. O menino se alfabetizou em meses

MAIS QUE SOM

O município de Sobral, no Ceará, tem os melhores resultados do País em alfabetização em um ranking de municípios com mais de mil alunos, também tabulado pelo **Estado**. Sua

das crianças da cidade não se alfabetizavam. Esse projeto incluiu fortemente a consciência fonêmica, mas sem preconceito a outras metodologias.

A professora Dorenice Mendes de Araujo faz praticamente um show na frente da sala para chamar a atenção das crianças para o som do “L” no fim da palavra papel. Mas ao mesmo tempo, as crianças sugerem palavras para serem escritas em sala que elas usam em casa, no dia a dia. “Método Paulo Freire, né?” diz a diretora da mesma escola em que Dorenice dá aulas, Ana Carla Siebra. O educador, que tem recebido críticas sistemáticas do governo Bolsonaro, defendia justamente que adultos analfabetos, em vez de usar as antigas cartilhas, fossem alfabetizados com palavras já conhecidas, como tijolo e plantação.

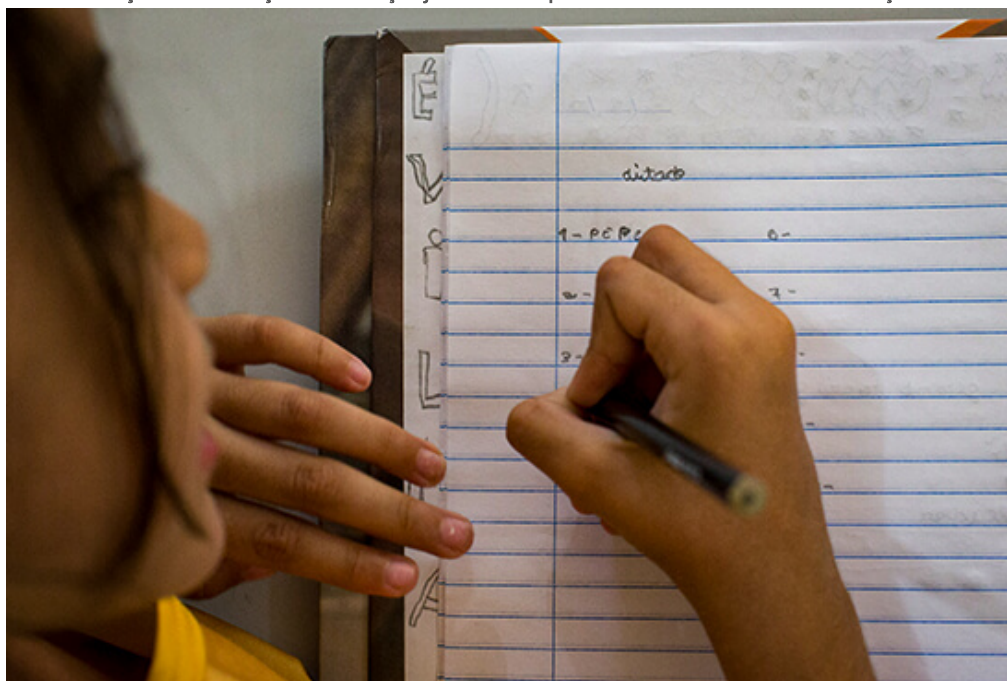
“A gente vê com muita preocupação essa polêmica, não faz sentido discutir método. Compreender o método e extrair dele o que é mais importante sim, é estratégico, é fundamental”, diz o secretário de Educação de Sobral, Hebert Lima. Segundo ele, a cidade usa um modelo híbrido, que incentiva muito a leitura desde a educação infantil, mas com bastante importância dada ao reconhecimento do som das letras. Dependendo da série, a cidade dá mais ênfase ao método fônico, em outras, busca mais um ensino construtivista.

No entanto, o método usado para a alfabetização está longe de ser a razão do sucesso de Sobral. O sistema implementado ao longo de anos inclui uma formação mensal dos professores sobre as melhores práticas, avaliações constantes das crianças para identificar e corrigir problemas de aprendizagem e uma gestão baseada em mérito, que trabalha para que o ensino seja eficiente. Além disso, houve uma continuidade das políticas educacionais ao longo de duas décadas, algo raro nas administrações de municípios e Estados no País.





Sobral começou sua revolução na educação justamente apostando na melhoria da alfabetização



Continuidade da política na cidade foi crucial para manter resultado

“Você chega numa escola em Sobral e a escola pode não ter um luxo aparente, mas tem livro para todo mundo, tem um professor atento, controle absoluto de absenteísmo docente, as mães e as crianças chegam na escola e são todas contadinhas”, diz Ilona, que fez uma tese de doutorado sobre o sistema de ensino da cidade. Mesmo sendo uma defensora do método fônico, ela enumera outras questões que fizeram Sobral ser Sobral. “Existe um respeito aos profissionais da educação lá que é fantástico, é uma equipe extremamente coesa, com rígido controle pedagógico, mas feito para as pessoas darem o melhor de si”.

“Você consegue alfabetizar por diferentes métodos. Não tenha dúvida. Muitos de nós fomos alfabetizados com ba be bi bo bu e, no entanto, aprendemos a ler e a escrever”, diz a educadora Silvia Colello. “Mas a pergunta não é se você foi ou não alfabetizado, a pergunta é: o que você quer com essa aprendizagem?” Ela lembra o quanto é comum meninos e meninas que sabem, mas não gostam de ler, não apreciam a leitura, não gostam de escrever. “O desafio não é ensinar ler e escrever ou não, mas ensinar a ler e escrever para quê, em função

ASSINE ►



EXPEDIENTE

EDITOR EXECUTIVO MULTIMÍDIA: Fabio Sales / **EDITORA DE INFOGRAFIA MULTIMÍDIA:** Regina Elisabeth Silva / **DADOS:** Cecília do Lago / **FOTOS:** Tiago Queiroz / **VÍDEOS:** Leo Souza

MAIS CONTEÚDO SOBRE:

Alfabetização

Leitura

Granja

Ensino

Educação

Sobral

Método fônico

Construtivismo